

## Pesquisa sociolinguística: ditongação e monotongação em narrativas orais de moradores de Patos de Minas e região

*Sociolinguistic research: diphthongation and monophthongation of oral narratives of people from Patos de Minas and the nearby regions*

---

**Eduarda Gonçalves Gontijo**

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).  
E-mail: [eduarda.g.gontijo@gmail.com](mailto:eduarda.g.gontijo@gmail.com)

**Márcia Yuriko Takita**

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).  
E-mail: [yurinha\\_takita@hotmail.com](mailto:yurinha_takita@hotmail.com)

**Nágila Caroline da Cruz**

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).  
E-mail: [nagilacaroline15@hotmail.com](mailto:nagilacaroline15@hotmail.com)

**Sabrina Tatiane da Silva**

Graduanda em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).  
E-mail: [tatianesabrina@yahoo.com.br](mailto:tatianesabrina@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este trabalho teve como principal objetivo analisar as ocorrências dos fenômenos ditongação e monotongação no linguajar de moradores de Patos de Minas e região. A pesquisa foi realizada com base em pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em leituras de autores como Bagno (1997), Bortoni-Ricardo (2004), Cezario e Votre (2009), Coutinho (1976), Monteiro (2000), Tarallo (1985), entre outros. Já a pesquisa de campo foi realizada por meio de gravações de relatos com uma amostra de dezenove informantes. A partir da análise dos dados, foi possível verificar que o grau de escolaridade dos informantes influenciou na realização dos dois fenômenos.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação linguística. Ditongação. Monotongação.

**Abstract:** This study aimed to analyze the occurrence of diphthongation and monophthongation phenomena in the oral language of residents from Patos de Minas and its nearby regions. The survey was conducted based on literature and field research. The literature review was based on readings of authors such as Bagno (1997), Bortoni-Ricardo (2004), Cezario and Votre (2009), Coutinho (1976), Monteiro (2000) and Tarallo (1985), among others. The field research was carried out through report recordings with a sample of nineteen informants. From the data analysis, it was possible to verify that the educational level of the informants influenced the performance of the two phenomena.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic variation. Diphthongation. Monophthongation.

---

## 1 Introdução

A língua é heterogênea, social e coletiva, está em constante evolução por meio do espaço e do tempo, e sujeita a variações existentes da própria língua falada. A ditongação e a monotongação são o objeto de estudo deste artigo, que pretende analisar o uso dos dois fenômenos, a partir da análise dos relatos de falas extraídas de gravações de entrevistas com falantes de Patos de Minas e região.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, uma fundamentação teórica sobre a Sociolinguística, as variações linguísticas e os fenômenos ditongação e monotongação; em seguida, a metodologia de análise seguida para investigar os fenômenos com 19 informantes; depois, a discussão dos resultados encontrados, relacionando as ocorrências dos fenômenos ditongação e monotongação, levando em conta o fator social escolaridade.

De acordo com o que os autores Bagno (1997), Bortoni-Ricardo (2004), Cezario e Votre (2009), Monteiro (2000) e Tarallo (1985) nos afirmam, o uso dos fenômenos estudados poderiam estar ligados a questões extralinguísticas, como o nível de escolaridade, que reflete no uso da língua.

A importância deste trabalho reside no fato de que, por meio dos resultados obtidos, será possível amenizar o preconceito linguístico em relação aos fenômenos de ditongação e monotongação. Este trabalho será de muita valia para nós, graduandos, pois contribui para ampliar nossos conhecimentos sobre a Sociolinguística.

## 2 Fundamentação teórica

### 2.1 O que é a sociolinguística?

A sociolinguística, segundo Labov (1972), é a área da linguística que tem como objeto de estudo a língua em uso, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com outras pessoas. De acordo com os linguistas Cezario e Votre (2009, p. 141), “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”.

Os autores supracitados salientam que a Sociolinguística firmou-se nos Estados Unidos na década de 1960, com a liderança do linguista William Labov. O objeto de estudo da pesquisa sociolinguística se localiza no uso da língua falada em situações naturais e espontâneas, em que o falante se preocupa mais com *o que* do que com *como* dizer.

### 2.2 Variação linguística: conhecer para diminuir o preconceito linguístico

Segundo Cezario e Votre (2014, p. 144), “a diversidade e a variabilidade são características inerentes aos sistemas linguísticos e passam também a ser objeto de estudo com o advento da sociolinguística”. Nesse sentido, Camacho (2004, p. 50) salienta que se uma pessoa fala o verbo “vamos” como [vãmus] e outra pessoa fala como [vãmu], podemos perceber, com base na sociolinguística, que essa inconstância

na fala é uma prática ordenada e metódica de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação, e não um desvio de capacidade intelectual do falante.

A partir dos estudos de Labov, surge a Sociolinguística Variacionista, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança, que descreve a variação e a mudança linguística. O estudo dos processos de variação e mudança permite assentar quatro tipos básicos de variação linguística: a primeira é a variação regional ou diatópica, que está ligada às distâncias espaciais, ou seja, às regiões, às cidades, aos estados ou países em que as pessoas vivem; a segunda é a variação social ou diastrática, que trata das diferenças entre grupos socioeconômicos, como nível de escolaridade, faixa etária, sexo e situação ou contexto social, fatores que estão relacionados às variações de natureza social. A terceira é a variação de registro ou diafásica, que tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, os e-mails, os jornais e as cartas. Por fim, a variação de oralidade e escrita ou diamésica, em que se mostra a modalidade oral da língua ou escrita (CEZARIO; VOTRE, 2009).

As variantes linguísticas, de acordo com Tarallo (1985, p. 8), “são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa num contexto, e com mesmo valor de verdade”. Tarallo (1985, p. 11) comenta a oposição entre língua padrão e não-padrão. Ele assinala que

as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *vs.* não-padrão; conservadoras *vs.* inovadoras; de prestígio *vs.* estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Nesse sentido, Monteiro (2000, p. 64) assevera que “uma variante em geral adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior”. A variedade linguística própria da classe dominante, de acordo com Monteiro (2000, p. 65), “se impõe, pois, como marca de prestígio e determina a atitude dos falantes dos grupos dominados face à sua própria variedade”.

As variantes estigmatizadas, segundo o autor supracitado, são

um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social. Em todos os níveis linguísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Ele provavelmente usará formas como *vrido*, *pranta*, *expilicar e musga* ou construções do tipo *nós veve, ele viu eu, eu se danei* etc. E, com isso, é mais discriminado ainda pela sociedade (MONTEIRO, 2000, p. 65).

Em relação às variantes inovadoras e conservadoras, Monteiro (2000, p. 65) afirma ser

natural que, havendo duas ou mais formas de se transmitir uma dada informação, se configure um processo de mudança linguística. Há então uma espécie de conflito em que a forma mais antiga, denominada de *conservadora*, pode terminar sendo substituída pela mais recente ou *inovadora*. Em geral, quando se trata do dialeto padrão, a primeira é que goza de maior prestígio na comunidade, e a inovadora, até ser aceita, sofre alguma restrição ou estigma.

Bagno (1997) salienta que, muitas vezes, a sociedade tem seus preconceitos linguísticos em relação ao português padrão e ao não-padrão. Muitos falantes, por falta de conhecimento, tendem a dizer que a norma não-padrão é errada, sem entender que essa norma tem suas explicações e muitas pessoas têm seu modo de falar regionalizado. Outros falantes da Língua Portuguesa tendem a dizer que o Português correto é aquele que segue regras, que é ensinado nas escolas, que as pessoas têm que privilegiar a norma culta, e que os falantes sem instrução falam tudo errado, mas essas afirmações estão todas incorretas ou equivocadas.

Para Possenti (1996, p. 34), “a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua”. Conhecer e entender as variações linguísticas é importante, porque diminui ou evita os preconceitos quando ouvir alguém falar “diferente”. Bortoni-Ricardo (2004, p. 31) salienta que “[...] não existe forma ‘certa’ ou ‘errada’ de falar, mas sim formas *adequadas* às diversas situações”.

Muitos falantes da Língua Portuguesa deparam com o uso do fenômeno dos metaplasmos, que são modificações fonéticas que sofrem as palavras durante sua evolução do Latim para o Português, conservando a mesma significação (COUTINHO, 1976). Várias pessoas falam as palavras *mêis*, *feiz*, *nóis*, *trêis* e *evoluição*, e, por falar assim, na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, às vezes são consideradas até “ignorantes” do português, mas elas simplesmente estão utilizando um fenômeno fonético que, nesse caso, é a ditongação, que pode ser definida como a passagem de um hiato ou de uma vogal a ditongo que contribui para a própria formação do português padrão. Outras pessoas usam o fenômeno da monotongação, que é a simplificação de um ditongo em uma vogal, ao dizer *vei*, *parô*, *embaxo*, *tercero* e *intero*. Mesmo em pessoas com grau de escolaridade superior, é possível encontrar esses dois fenômenos, e muitas outras formas não-padrão, principalmente nos momentos informais de comunicação do falante. O grau de escolaridade tem sido um dos mais fortes fatores para as mudanças, pois indica que a maioria das pessoas com grau menor de escolaridade utilizam mais a forma não-padrão.

A língua humana é composta por um conjunto de variedades, que é utilizada em grandes e pequenas comunidades. A língua nunca é usada da mesma forma, pois cada pessoa tem seu modo de falar. Nesse sentido, Luft (2002, p. 69) afirma que “cada falante fala como sabe e consegue falar, não como ele ou outros desejariam que falasse”.

### 3 Metodologia

Para realizar uma investigação a respeito dos fenômenos da ditongação e monotongação, foi feita, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, uma pesquisa de campo com relatos de falas extraídas de gravações de entrevistas de até 9 minutos para cada informante. Em seguida, foi realizada a análise desses fenômenos no falar dos moradores dos municípios de Presidente Olegário, Patos de Minas e São Gotardo.

A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em autores como Labov (1972), Tarallo (1985), Cezario e Votre (2009), Bagno (1997), Monteiro (2000), Bortoni-Ricardo (2004), Coutinho (1976), Possenti (1996), Camacho (2004) e Luft (2002). Já a pesquisa de campo apoiou-se em 19 gravações de entrevistas, nas quais os informantes foram incentivados a fazer relatos, contando a história da localidade em que vivem. Depois dos relatos prontos, as entrevistas foram transcritas.

Os informantes estão na faixa etária de 62 a 95 anos e possuem o nível de escolaridade que vão do ensino básico ao superior. Para resguardar as identidades deles, os informantes foram designados com os códigos: A1; A2; B1; B2; B3; B4; C1; C2; C3; D1; D2; D3; E1; E2; F1; F2; F3; G1 e G2. As ocorrências dos fenômenos estudados – metaplasmos ditongação e monotongação – foram analisadas de acordo com o nível de escolaridade dos informantes. No total, 8 informantes são mais escolarizados (7 homens e 1 mulher), e 11 informantes menos escolarizados (6 homens e 5 mulheres). Quanto ao grau de instrução, 6 têm o ensino básico que varia da 3ª série do antigo primário até a 5ª série, 5 têm o ensino fundamental, 3 têm o ensino médio e 5 o ensino superior. Os informantes que têm o ensino médio e superior são considerados, neste estudo, como mais escolarizados, e os demais menos escolarizados. A distribuição da idade dos informantes não fez diferença na análise dos fenômenos ditongação e monotongação. Essas ocorrências foram identificadas, quantificadas e apresentadas em tabelas e gráficos\*.

A realização da pesquisa pautou-se em princípios éticos fundamentais. Por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obteve-se dos informantes a sua anuência à participação. Os envolvidos na investigação tiveram sua identificação preservada, e as informações fornecidas por eles não foram usadas em prejuízo à pessoa.

### 4 Resultados e discussão

Conforme dito anteriormente, a língua está em constante evolução, por meio do espaço e do tempo, e sujeita a variações existentes da própria língua falada. A partir de pesquisas de campo, a sociolinguística registra, descreve e analisa sistematicamente os diferentes falares das pessoas, escolhendo a variedade linguística como seu objeto de estudo. A partir do *corpus* analisado, foram verificadas as ocorrências dos fenômenos ditongação e monotongação no linguajar de 19 entrevistados. É importante ressaltar

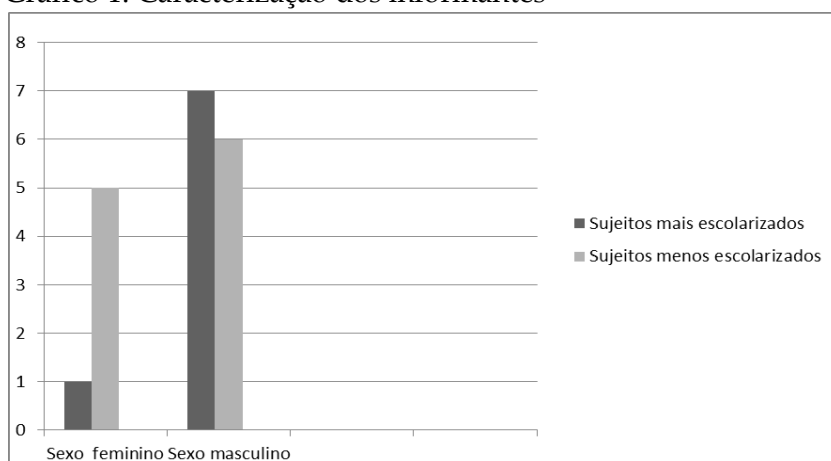
---

\* Todas essas informações dos informantes entrevistados serão detalhadas na apresentação dos resultados e discussão.

que todos os entrevistados falaram com espontaneidade as histórias da localidade em que vivem. Monteiro (2000) salienta que, ao levar o informante a relatar experiências vividas, normalmente, isso leva o falante a envolver-se bastante emotivamente, de tal sorte que se esquece de monitorar o seu próprio discurso, que assim se torna bem espontâneo.

A amostra das entrevistas foi organizada de acordo com a metodologia variacionista, levando em consideração o grau de escolaridade. O gráfico a seguir mostra a caracterização desses 19 informantes.

Gráfico 1: Caracterização dos informantes



Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Como se pode observar no gráfico 1, 13 informantes são do sexo masculino e 6 são do sexo feminino. No total, 8 informantes são mais escolarizados (7 homens e 1 mulher) e 11 informantes menos escolarizados (6 homens e 5 mulheres). Quanto ao grau de instrução, 6 têm o ensino básico que varia da 3ª série do antigo primário até a 5ª série, 5 têm o ensino fundamental, 3 têm o ensino médio e 5 o ensino superior. Os informantes que têm o ensino médio e superior são considerados, neste estudo, como mais escolarizados, e os demais menos escolarizados.

As 4 tabelas a seguir estão apresentadas conforme os dois fenômenos estudados e o nível de escolaridade dos informantes.

Tabela 1: Ocorrência ou não da ditongação: sujeitos mais escolarizados

Ocorrência	QTD.	%
Mais ditongação (padrão)	21	70
Menos ditongação (não-padrão)	9	30
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Com base na Tabela 1, os dados permitem perceber que os sujeitos mais escolarizados usaram mais a forma padrão do que a menos padrão. Foram

identificadas 21 ocorrências do fenômeno ditongação na forma mais padrão e 9 ocorrências na forma menos padrão. Dos 8 informantes mais escolarizados, 5 usaram o fenômeno ditongação, enquanto 3 não usaram o fenômeno. Veja a seguir os exemplos das ocorrências do fenômeno ditongação retirados dos relatos dos informantes com os seguintes códigos: B3, C2 e G2:

(B3) “[...] fui estudar **estudeio** consegui cheguei a formatura de biólogo eu não... nunca esperava isso mas **demoreio** é a FORMAR porque foi uma vida difícil a faculdade [...]”.

(C2) “[...] fico **sói** eu e a esposa lá [...]”.

(G2) “[...] tos tem condução de ir só sempre crescono cada **VEIZ** mais lá [...]”.

Observa-se, nessas ocorrências, que as palavras *estudei*, *demorei*, *só* e *vez* foram transformadas em: *estudeio*, *demoreio*, *sói* e *vez*, pois suas vogais foram transformadas em ditongos. Além disso, foram encontradas em todos os relatos várias possibilidades de ocorrer o fenômeno estudado.

Ao analisar os relatos dos informantes dos códigos D1, D2 e F2, não foi possível encontrar o fenômeno ditongação, e sim várias possibilidades de esse fenômeno ocorrer:

(D1) “[...] mil e novecentos e setenta e **três** [...] como eu disse né **nós** já temos [...]outro **fez** e acaba todo mundo [...]”.

(D2) “[...] trinta e **três** até quarenta e cinco [...] fui para o Cartório primeira **vez** [...]”.

(F2) “[...] eu pratica**MENTE** eu vi essa/essa **evolução** TOda [...]Getúlio Vargas ficou pronto então que **nós** transfe**R**imos para o prédio Novo

As palavras *três*, *fez*, *vez*, *evolução* e *nós* podem ser transformadas em *trêis*, *feiz*, e *veiz*, assim poderia ter ocorrido o fenômeno ditongação. As análises dos dados permitem perceber que as pessoas mais escolarizadas usaram menos o fenômeno ditongação.

Tabela 2: Ocorrência ou não da monotongação: sujeitos mais escolarizados

Ocorrência	QTD.	%
Mais monotongação (padrão)	50	80,7
Menos monotongação (não- padrão)	12	19,3
<b>TOTAL</b>	<b>62</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Os resultados da Tabela 2 mostram que os sujeitos mais escolarizados usaram mais a forma padrão do que a menos padrão. Foram identificadas 50 ocorrências do fenômeno monotongação na forma mais padrão e 12 ocorrências na forma menos padrão. Dos 8 informantes mais escolarizados, 6 usaram o fenômeno monotongação, enquanto 2 não usaram o fenômeno. Veja a seguir os exemplos das ocorrências do fenômeno monotongação retirados dos relatos dos informantes com os seguintes códigos: B3, C2 e G2:

(B3) “[...] se tornava difícil e eh ate fo/formei biólogo e passei **dexei** [...]”.

(C2) “[...] todo mundo pa cidade **ficô** [...] **dexá** o serviço...e apreciá um **poco** da vi::da [...] **largô** o estudo [...]”.

(G2) “[...] hora que escurecia eu ia lá trocava de **rôpa** largava a:: **rôpa**... a **rôpa** que eu tava [...]”.

Observa-se, nessas ocorrências, que as palavras *deixei*, *ficou*, *deixa*, *pouco*, *largou* e *roupa* foram transformadas em *dexei*, *ficô*, *dexá*, *poco*, *largô* e *rôpa*, pois ocorreu uma mudança fonética em que os ditongos foram simplificados em vogais simples transformados em monotongos. Em todos os relatos, o fenômeno monotongação foi mais encontrado do que a ditongação. Além disso, foram encontradas em todos os relatos várias possibilidades de ocorrer o fenômeno monotongação.

Ao analisar os relatos dos informantes dos códigos D1 e D2, não foi possível encontrar o fenômeno monotongação, e sim várias possibilidades desse fenômeno ocorrer:

(D1) “[...] Patos de Minas ela **começou** com cinco cursos [...]fui da **primeira** turma de ciência biológica COM uma coisa interessante [...] fui o **terCEIRO** diretor e/na antes de ser diretor [...]e veja bem olha o destino me **trouxe** de VOLta [...]”.

(D2) “[...] quarenta e cinco tinha es/esse gu/ grupo escolar **primeiro** segundo **terceiro** [...]cê trabalhava o dia todo para ganhar **meio** salário [...]numa cama **debaixo** do motor e dentro do peRAU quiser [...]”.

As palavras *começou*, *primeira*, *terceiro*, *trouxe*, *meio* e *debaixo* podem ser transformadas em *começô*, *primera*, *tercero*, *troxe*, *mei* e *debaxo*, assim poderia ter ocorrido o fenômeno monotongação. As análises dos dados permitem perceber que os falantes mais escolarizados monotongaram menos, por causa do fator social escolaridade.

Percebe-se a variação social ou diastrática, pois as diferenças nível de escolaridade influenciaram o modo de falar dos informantes.

Tabela 3: Ocorrência ou não da ditongação: sujeitos menos escolarizados

Ditongação	QTD.	%
Mais ditongação (padrão)	20	27
Menos ditongação (não- padrão)	54	73
<b>TOTAL</b>	<b>74</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Com base na Tabela 3, os dados permitem perceber que os sujeitos menos escolarizados usaram mais a forma menos padrão do que a mais padrão. Foram identificadas 20 ocorrências do fenômeno ditongação na forma mais padrão e 54 ocorrências na forma menos padrão. Dos 11 informantes menos escolarizados, 10 usaram o fenômeno ditongação, enquanto 1 não usou o fenômeno. Veja a seguir os



exemplos das ocorrências do fenômeno ditongação retirados dos relatos dos informantes com os seguintes códigos: A2, C3 e D3:

(A2) “[...] **nóis** gastava um **mÊis** e um **mÊis** e **déis** dia pa í nu Belém e voltá [...]”.

(C3) “[...] as vezes algumas pessoa...mais a maioria... a **evolução** [...]minha época num era assim... era tudo **paiz**... tudo [...] Deus num **feiz** a gente pra... pra esse tipo de vida não viu [...]”.

(D3) “[...] oh ma num tem dinheiro **nóis** tem que recadá dinheiro [...] num iexistia Carro de gasolina não...era carro de **BOIo** o meu PAI por exempru [...]”.

Observa-se, nessas ocorrências, que as palavras *nós*, *mês*, *dez*, *evolução*, *paz*, *fez* e *boi* foram transformadas em *nóis*, *mêis*, *déis*, *evolução*, *paiz*, *feiz*, *boio* e *mais*, pois suas vogais foram transformadas em ditongos. Além disso, foram encontradas em todos os relatos várias possibilidades de ocorrer o fenômeno estudado.

Ao analisar o relato do informante do código E1, verifica-se um dado relevante, em que o informante mesmo tendo um grau de instrução menor (5ª série do antigo primário), não foi possível encontrar o fenômeno ditongação, e sim possibilidades de esse fenômeno ocorrer:

(E1) “[...] tinha guardado na casa dele um vidro com **três** mosca inormes [...] minha irmã mais velha que já namorava **nós** sentava ali [...]”.

As palavras *três* e *nós* podem ser transformadas em *trêis* e *nóis*, assim poderia ter ocorrido o fenômeno ditongação.

Tabela 4: Ocorrência ou não da monotongação: sujeitos menos escolarizados

Monotongação	QTD.	%
Mais monotongação (padrão)	48	35,9
Menos monotongação (não-padrão)	86	64,1
<b>TOTAL</b>	134	100

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Os resultados da Tabela 4 mostram que os sujeitos menos escolarizados usaram mais a forma menos padrão do que a mais padrão. Foram identificadas 48 ocorrências de monotongação na forma mais padrão e 86 ocorrências na forma menos padrão. Dos 11 informantes menos escolarizados, 9 usaram o fenômeno monotongação, enquanto 2 não usaram o fenômeno. Veja a seguir os exemplos das ocorrências do fenômeno monotongação retirados dos relatos dos informantes com os seguintes códigos: B2, B4 e F1:

(B2) “[...] daquela rua ((ruídos)) de **baxo** ali ((ruídos)) era tudo de terra [...] ia pela estrada de chão e os **cavalero** então ia pra Belorizonte [...]um dia ela **brigô** muito com ele **xingô** ele muito **humilhô** ele demais [...]”.

(B4) “[...] mais meu pai num **dêxava** naquele tempo [...] que era o dia **intêro** de escola tinha [...] levá a merenda ne que arroz com **fejão** ate num precisava não [...] lai ele **zango** muito da coluna [...] Ismael ele **pegô** e **amigô** com uma muie mais velha [...]”.

(F1) “[...] hoje facilita muito... voluiu muito e:: **mudô** muito a **maNEra** de trabalhar [...] TODas as rua já são asfalTAda e ... **amentô** munto a ciDAde a popula::ÇÃO ... **amentô** munto [...]”.

Observa-se, nessas ocorrências, que as palavras *baixo*, *cavaleiro*, *brigou*, *xingou*, *humilhou*, *deixava inteiro*, *fejão*, *pegou*, *amigou*, *mudou*, *maneira* e  *aumentou* foram transformadas em *baxo*, *cavalero*, *xingô*, *humilhô*, *dêxava*, *intêro*, *fejão*, *zangô*, *pegô*, *amigô*, *mudô*, *manera* e *amentô*, pois ocorreu uma mudança fonética em que os ditongos foram simplificados em vogais simples transformados em monotongos. Em todos os relatos, o fenômeno monotongação foi mais encontrado do que a ditongação.

Ao analisar os relatos dos informantes dos códigos B1 e E1, verifica-se um dado relevante, igual ao do fenômeno ditongação da tabela 4, em que os informantes, mesmo tendo um grau de instrução menor (4ª e 5ª série do antigo primário), não foi possível encontrar o fenômeno monotongação, e sim possibilidades de ocorrer esse fenômeno:

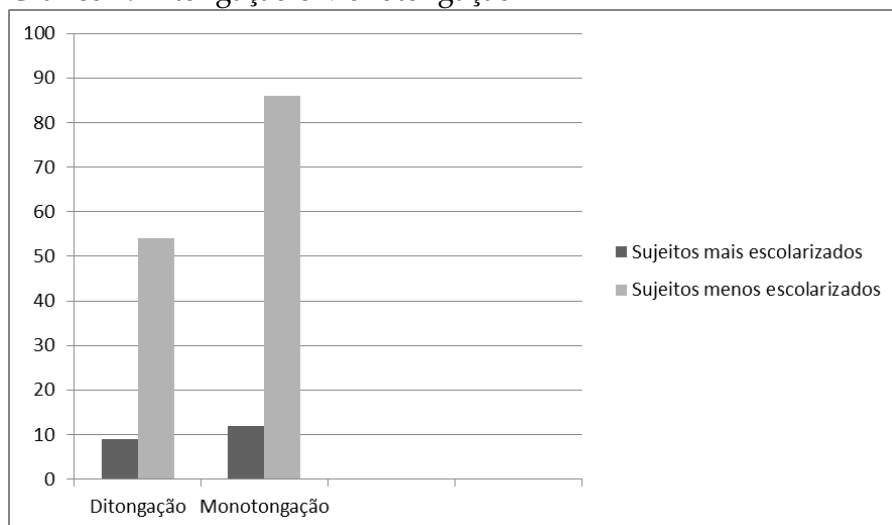
(B1) “[...] ficava muito em casa fui criada assim dessa **maneira** [...] meu pai não **deixava**... dava dez horas o rapaz tinha que cair fora [...]”.

(E1) “[...] minha irmã mais velha que já namorava nós sentava ali [...] eles dizia que parecia uma **loira** de sete metro [...] ali só eu e ela que sabia quele **dinheiro** tava enterrado ali [...]”.

As palavras *maneira*, *deixava*, *loira* e *dinheiro* podem ser transformadas em *manera*, *dexava*, *lôra* e *dinhero*, assim poderia ter ocorrido o fenômeno monotongação.

Percebe-se a variação social ou diastrática, pois as diferenças de nível de escolaridade influenciaram o modo de falar dos informantes tanto os mais escolarizados quanto os menos escolarizados.

Gráfico 2: Ditongação e Monotongação



Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

O Gráfico 2 descreve a quantidade de ocorrências dos fenômenos ditongação e monotongação nos sujeitos mais escolarizados e menos escolarizados. Analisando o gráfico, foram encontradas 9 ocorrências do fenômeno ditongação e 12 ocorrências do fenômeno monotongação nos sujeitos mais escolarizados. Dos sujeitos menos escolarizados, 54 ocorrências da ditongação e 86 ocorrências da monotongação. Percebe-se, também, que os sujeitos mais escolarizados usam menos os dois fenômenos estudados.

Ao analisar os dois gráficos e as quatro tabelas, percebe-se que, independentemente do grau de escolaridade, o fenômeno monotongação é mais encontrado nas ocorrências do que a ditongação. A notável diferença dos resultados analisados ocorre por causa do fator social escolaridade, observando que os falantes com maior grau de escolaridade usaram menos o fenômeno ditongação e monotongaram menos que os demais.

Bortoni-Ricardo (2004) salienta que “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico”. O nível de escolaridade dos falantes foi relevante para a ocorrência desses dois fenômenos, em que os menos escolarizados têm um domínio menor do código formal e da norma culta. Bagno (1997) assevera que muitos falantes têm preconceitos em relação aos fenômenos ditongação e monotongação citados e que, por falta de conhecimento, esquecem que o fenômeno não-padrão é o mesmo que acontece na história do português padrão.

## 5 Conclusão

Neste artigo, verificaram-se as ocorrências dos fenômenos ditongação e monotongação no falar de 19 informantes que usam uma linguagem espontânea. Ao iniciarmos as pesquisas, tínhamos como hipótese que os falantes mais escolarizados utilizariam menos os dois fenômenos, assim como os autores Bagno (2001), Monteiro (2002) e Tarallo (1985) nos afirmam, e que isso poderia estar ligado ao grau de instrução.

Com embasamento na pesquisa de campo, essa hipótese foi confirmada, pois, nas falas dos informantes com menor escolarização, os fenômenos ditongação e monotongação ocorreram mais.

Para trabalhos futuros, seria interessante uma pesquisa mais complexa sobre esses dois fenômenos em relação às variantes sociais (nível de escolaridade, sexo, faixa etária).

## Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. Rio de Janeiro: Loyola, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística: parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolingüística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2009.

COUTINHO, I. S. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 1996.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. São Paulo, SP: Ática, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópoles, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.